

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A Greve Geral, o Medo e a Contabilidade do Silêncio

Publicado em 2026-06-03 15:05:00



Reuters

BOX DE FACTOS

- A greve geral de **3 de Junho de 2026** foi convocada pela CGTP contra a reforma laboral “Trabalho XXI”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

instrumento para aumentar produtividade, salários, competitividade e adaptação à economia digital.

- O Governo também defende o reforço dos serviços mínimos em sectores considerados vitais.
- O ponto central da discussão não é apenas quem fez greve, mas também quem **não pôde arriscar fazê-la**.

A Greve, o Medo e a Contabilidade do Silêncio

Há uma diferença profunda entre não fazer greve e não poder fazer greve. A primeira é uma escolha. A segunda é uma forma silenciosa de submissão social.

A greve geral decretada para este dia 3 de Junho de 2026 não é apenas uma paralisação laboral. É um espelho partido onde se reflectem três Portugais: o Portugal sindicalizado, o

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A superfície do acontecimento é conhecida: a CGTP convocou a greve contra a reforma laboral “Trabalho XXI”, depois de meses de confronto político e negocial. O Governo, por seu lado, apresenta essa reforma como uma modernização do mercado laboral, destinada a aumentar a produtividade, melhorar salários, flexibilizar relações de trabalho e adaptar o país à economia digital. Como sempre, cada lado traz a sua bandeira. Uma diz “direitos”. A outra diz “competitividade”. No meio, o trabalhador real continua a fazer contas ao salário, à renda, ao supermercado e ao medo de ficar marcado.

A aritmética enganadora da adesão

Quando o Governo sugere que a “esmagadora maioria” dos trabalhadores vai trabalhar, ou quando se afirma que os trabalhadores do sector privado não querem estar em greve geral, entra-se no território escorregadio da demagogia. Porque transformar a ausência de adesão em prova de concordância é uma operação política tão elegante quanto falsa.

No sector privado, não fazer greve pode significar muitas coisas. Pode significar discordância com a greve. Pode significar indiferença. Pode significar falta de confiança nos sindicatos. Mas pode também significar medo: medo da

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A lei reconhece o direito à greve como direito dos trabalhadores. Mas a vida concreta, essa besta antiga e menos dada a citações jurídicas, nem sempre reconhece a mesma liberdade. Entre o direito formal e a coragem material vai por vezes uma distância maior do que a que separa o Terreiro do Paço de Bruxelas.

A função pública e o luxo relativo da greve

Há uma verdade incómoda que a esquerda sindical raramente gosta de enfrentar: a greve geral em Portugal tende a ser mais praticável no sector público do que no privado. Não porque os funcionários públicos sejam moralmente superiores, nem porque os trabalhadores privados sejam menos conscientes. A razão é mais simples e mais brutal: no sector público existe, em regra, maior protecção laboral, maior tradição sindical e menor vulnerabilidade imediata perante a entidade patronal.

No sector privado, sobretudo em empresas pequenas, em contratos a prazo, em recibos verdes encapotados, em call centers, em armazéns, em restauração, em serviços externalizados e em cadeias de subcontratação, o trabalhador sabe que o direito existe — mas também sabe que há formas elegantes de o castigar sem nunca escrever a palavra “castigo” em lado nenhum.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

silêncio do medo.

O sindicalismo como instrumento político

Mas também não vale a pena santificar a greve como se fosse sempre uma aparição da Virgem Laboral no calendário revolucionário. Em Portugal, parte do sindicalismo vive há décadas preso a aparelhos ideológicos, reflexos partidários e liturgias antigas. Muitas greves são também demonstrações de força, encenações de influência, batalhas simbólicas entre centrais sindicais, partidos, Governo e corporações.

A greve pode ser legítima e, ao mesmo tempo, politizada. Pode defender causas reais e, ao mesmo tempo, ser instrumentalizada por estruturas que procuram manter relevância. Pode denunciar abusos e, ao mesmo tempo, transformar trabalhadores em figurantes de uma peça que já vinha escrita antes de eles entrarem em cena.

A crítica ao Governo não deve, portanto, obrigar-nos a aceitar automaticamente a pureza da máquina sindical. A crítica aos sindicatos não deve, por sua vez, servir de desculpa para entregar os trabalhadores ao mercado como quem entrega cordeiros à contabilidade.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

cumprir a normalidade quotidiana. À primeira vista, é uma preocupação razoável. Ninguém deve ser coagido a fazer greve. Ninguém deve ser impedido de trabalhar por intimidação. Uma greve democrática não deve transformar-se em bloqueio autoritário.

Mas há aqui uma subtileza perigosa. Quando o poder político usa o “direito a trabalhar” como arma discursiva contra o direito à greve, corre o risco de esvaziar a própria natureza da greve. Uma greve que não perturba nada, que não incomoda ninguém, que não suspende serviços, que não cria custo social, que não torna visível o conflito, deixa de ser greve e passa a ser uma reclamação em papel timbrado.

Os serviços mínimos devem proteger necessidades vitais. Não devem transformar-se numa anestesia geral da greve. Porque uma democracia que só aceita protestos sem consequência é uma democracia que gosta muito da liberdade — desde que ela não faça barulho.

A reforma laboral: modernização ou transferência de poder?

A reforma “Trabalho XXI” é apresentada pelo Governo como resposta aos problemas estruturais da economia portuguesa: baixos salários, fraca produtividade, segmentação laboral,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

menos dependentes da exploração de trabalho barato.

Mas o problema está no método e na direcção do poder. Sempre que a palavra “flexibilidade” aparece no discurso laboral português, convém contar os talheres. Porque demasiadas vezes a flexibilidade significou apenas isto: mais margem para o empregador, mais incerteza para o trabalhador, mais disponibilidade exigida, menos segurança oferecida.

Se a reforma aumenta produtividade através de melhor organização, tecnologia, formação, gestão competente e valorização salarial, então pode ser modernizadora. Mas se aumenta produtividade por via da precarização, da facilitação do despedimento, do alargamento da disponibilidade horária e da transferência de risco para quem trabalha, então não é modernização. É regressão com PowerPoint.

O verdadeiro retrato do país

Esta greve mostra um país fracturado. De um lado, trabalhadores públicos e sectores fortemente sindicalizados capazes de parar transportes, escolas e serviços. Do outro, uma vasta massa de trabalhadores privados que observa, concorda ou discorda, mas muitas vezes permanece quieta

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Os sindicatos interpretam a sua própria mobilização como expressão geral do povo trabalhador. Ambos exageram. Ambos simplificam. Ambos usam a realidade como barro mole para moldar a sua narrativa.

A verdade é menos confortável: Portugal tem trabalhadores que fazem greve por convicção, trabalhadores que não fazem greve por discordância, trabalhadores que não fazem greve por medo e trabalhadores que já nem acreditam que alguma destas coreografias mude realmente a sua vida.

Conclusão: o silêncio também vota

A greve geral de hoje não deve ser lida apenas pelo número de comboios parados, escolas encerradas ou voos cancelados. Deve ser lida também pelo silêncio de quem continuou a trabalhar sem que isso signifique apoio ao Governo, confiança nos patrões ou rejeição da luta laboral.

Numa sociedade verdadeiramente livre, o trabalhador deveria poder fazer greve sem medo e trabalhar sem coacção. Em Portugal, demasiadas vezes, só se garante metade da frase. E uma liberdade pela metade é como uma janela pintada numa parede: parece abertura, mas não deixa entrar ar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pouco ouvido e cada vez mais obrigado a escolher entre a dignidade e a sobrevivência.

E talvez seja esse o maior retrato desta greve: não apenas um país que pára, mas um país que já nem sabe se pode parar.

Referências credíveis

1. Reuters — **Portugal general strike over labour reform halts trains, flights, shuts schools**, 3 de Junho de 2026.
2. RTP/Lusa — **Greve geral. Governo convicto de que “esmagadora maioria” vai trabalhar**, 3 de Junho de 2026.
3. Portal do Governo — **Governo avança com reforma laboral para aumentar salários, produtividade e conciliação familiar**, 14 de Maio de 2026.
4. Portal do Governo — **Proposta de lei da reforma laboral “Trabalho XXI”**, 14 de Maio de 2026.
5. Código do Trabalho — **Artigo 530.º — Direito à greve**.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Crónica de Francisco Gonçalves

Com co-autoria editorial de **Augustus Veritas**, para o blogue **Fragmentos do Caos**.

O Governo conta os que trabalharam como se fossem apoiantes; os sindicatos contam os que pararam como se fossem o povo inteiro. No meio, fica o país real: cansado, mal pago, desconfiado e com medo de respirar fora do guião.



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)